

Que emoção! Que emoção?

Laís Kalena Salles Aragão^I

Qual elemento tem o poder de transformar ativamente a nossa sociedade? A essa pergunta, o filósofo e historiador da arte Georges Didi-Huberman sugere uma resposta: as emoções. A conferência *Que emoção! Que emoção?* foi apresentada em 13 de abril de 2013, no Teatro de Montreuil, em Paris, publicada em língua portuguesa no ano de 2016 pela Editora 34 e possui 72 páginas. Trata-se da adaptação de algumas passagens do volume 6 da série "O Olho da História", intitulado *Povos em Armas, Povos em Lágrimas*. A apresentação desse fragmento, seguida de uma sessão de perguntas e respostas, integrou o encontro organizado anualmente pela diretora de teatro Gilberte Tsai, chamado "Luzes para as crianças", dirigido a jovens, a partir de 10 anos, e adultos. O conferencista é professor e pesquisador da Escola de Estudos Avançados em Ciências Sociais de Paris e vem consagrando-se como um dos pensadores contemporâneos mais relevantes nas áreas de Estética, Filosofia e História da Arte. Em sua vasta produção bibliográfica, é possível identificar a influência de autores, como Sigmund Freud, Jacques Lacan, Walter Benjamin, Aby Warburg e Gilles Deleuze.

O título do trabalho, caracterizado pela repetição da frase "que emoção" seguida de dois sinais de pontuação diferentes, sugere, segundo Didi-Huberman, uma atitude tipicamente filosófica: a primeira é encerrada pelo sinal de exclamação, indicando espanto; já a segunda, arrematada pelo ponto de interrogação, indica a formulação de uma pergunta e, portanto, a existência de um problema. Aqui, o autor encarrega-se de solucionar a seguinte questão: como o choro transforma-se em ação? Isto é, como as emoções podem provocar atos revolucionários? A conferência teve, assim, o objetivo de demonstrar o poder de transformação social ativa das emoções, ou seja, o seu potencial político. Utilizando uma linguagem descomplicada e uma atitude descontraída, Didi-Huberman contrapõe, de forma sumária, duas vertentes filosóficas: há, de um lado, aqueles autores que identificam nas emoções sentimentos nocivos e, de outro, os que as consideram benéficas e transformadoras, à qual o filósofo vincula-se.

Ao invés de iniciar a discussão partindo de uma infinidade de outros questionamentos possíveis – dentre os quais o filósofo menciona: "o que se entende por emoção? Que tipo de emoção? Por que a emoção?"^{II} – ele opta por prosseguir a partir da indagação que uma imagem do século XIX de uma criança que chora suscita. A fotografia exhibe o pranto perturbador de um bebê, ainda que esse gesto explosivo seja inerente à natureza humana e objeto de identificação do próprio filósofo. Trata-se de um retrato que compõe a série fotográfica encomendada por Charles Darwin ao fotógrafo e especialista em fotomontagem Oscar Gustave Rejlander para ilustrar seu livro intitulado *A expressão das emoções nos homens e nos animais*. O intuito do biólogo era demonstrar, em sua obra, que o choro é um ato primitivo encontrado, sobretudo, nos animais, nas crianças, em doentes mentais e em raças que apresentam poucas semelhanças aos europeus. Em termos gerais, o filósofo afirma que as emoções são, para Darwin, uma tendência primitiva não reprimida de reação a estímulos.

O ponto de vista depreciativo que o teórico evolucionista atribui às emoções não foi compartilhado nessa conferência. Há, segundo o filósofo, verdadeiros campos de batalha em ciência, política e filosofia, nos quais desacordos teóricos, por vezes conflituosamente, vêm à tona. Ao recuar à Antiguidade, Didi-Huberman nos recorda que também houve, entre alguns filósofos clássicos, a tendência de associar o fenômeno da emoção à palavra grega *páthos*, isto é, à passividade e, por extensão, à fraqueza. A emoção seria, assim, um defeito, uma impotência,

QUE EMOÇÃO! QUE EMOÇÃO?

LAÍS KALENA SALLES ARAGÃO

um impasse. Tal perspectiva foi reforçada por Kant, no século XVIII, que se referiu às emoções, de acordo com o conferencista, como “defeito da razão”, “impossibilidade” de refletir, “doença da alma”, acrescentando, aliás, que tanto a felicidade quanto a tristeza “ameaçam a própria vida”^V.

A etimologia da palavra emoção sugere, contudo, uma outra interpretação: entende-se que emoção é o ato de se deslocar, de se movimentar^{III}. Acompanhando essa perspectiva, Hegel, em sua *Enciclopédia das ciências filosóficas*, defende que a dor é um privilégio dos seres vivos, devolvendo ao *páthos* a sua relevância diante do *logos*. Didi-Huberman afirma em seguida que, com Nietzsche, toda uma prática do pensamento filosófico foi modificada, pois este, ao favorecer a poesia, a arte e a literatura frente às verdades filosóficas, questiona a vida sensível e atenua a reputação rígida e professoral comumente associada aos filósofos, os quais ganham uma “licença” à emotividade. Henri Bergson é, por sua vez, resgatado na conferência em virtude da sua compreensão de que as emoções são gestos ativos, ao mesmo tempo exteriores e interiores, pois põem-nos para fora de nós mesmos. Elas são, deste modo, *e-moção*. Já Freud verificou que há, no fenômeno das emoções, uma disjunção entre afeto e representação, pois embora algumas emoções nos tomem, não sabemos frequentemente por que, nem exatamente o que elas são: elas agem sobre nós, mas estão além de nós; elas nos possuem, mas nós não as possuímos por inteiro. Tal como identificamos, segundo o conferencista, em algumas imagens do filme *A Raiva*, de Pier Pasolini, em que a personagem é tomada pela morte catastrófica do seu marido.

A contribuição de Gilles Deleuze ao debate sobre o fenômeno das emoções tem uma posição de destaque na conferência. Em 28 de março de 2014, durante uma comunicação chamada de *Ao passo ligeiro da serva (Saber das imagens, saber excêntrico)*, realizada no Colégio das Artes, em Coimbra, Didi-Huberman afirma que, apesar de Deleuze estar associado ao movimento anti-psicanalista e ter articulado uma crítica demasiado exagerada à obra freudiana, a estrutura da sua filosofia nos permite discordar em alguns pontos sem por isso deixar de aplicá-la^{IV}. Aqui, ele é resgatado devido ao seu aprofundamento na elaboração de descrições psicológicas, ou fenomenológicas. Ao afirmar que a emoção não é da ordem do “eu”, mas sim do evento, Deleuze busca demonstrar que o fenômeno da emoção não tem uma natureza individual. Trata-se de um movimento para fora de si, que expõe o indivíduo e aquilo que compõe a individualidade humana: o seu inconsciente e a sua comunidade. Portanto, quem se emociona, se expõe e todos nós recolhemos, para o bem ou para o mal, a emoção de cada um. Para Didi-Huberman, esta contribuição de Deleuze indica o bom uso que pode ser feito em sociedade das nossas emoções, isto é, o uso ético.

Ao recordar, durante a conferência, os eventos que sucederam a morte de seu pai – a ida ao necrotério, a organização do enterro, o seu comportamento diante do seu filho e de sua irmã –, o filósofo lembra que teve que executar gestos que não diziam respeito somente a si, mas principalmente à sociedade. São gestos que têm uma história muito longa, como fósseis em movimento que sobrevivem em nós, ainda que sejamos incapazes, muitas vezes, de percebê-los. Assim, eles podem ser considerados, de acordo com o conferencista, como primitivos, mas não no sentido adotado por Darwin, e sim sob o ângulo de uma história cultural. Nessa perspectiva, o etnólogo Marcel Mauss indicou a existência de uma “expressão obrigatória de sentimentos”, isto é, de um fenômeno em que as emoções são expressas segundo certas formas coletivas e que, contudo, não deixam de ser sinceras e verdadeiras. Ele nota que as emoções precisam ser expressas por meio de comportamentos específicos para que sejam reconhecidas pelos indivíduos de um grupo e por nós mesmos. Elas são, portanto, signos de expressões inteligíveis, símbolos; agem, em outros termos, como uma linguagem.

QUE EMOÇÃO! QUE EMOÇÃO?

LAÍS KALENA SALLES ARAGÃO

As imagens apresentadas na conferência têm um papel central nas obras de Didi-Huberman. A sua finalidade reside muito além da ilustração de um discurso. Durante a apresentação, ele afirma crer que “cada imagem é bem mais rica que tudo aquilo que lhes posso dizer com minhas palavras e com minhas ideias no espaço de uma hora”^V. Os fotogramas e as fotografias apresentados ao público, em particular, são, para Didi-Huberman, exemplos que cristalizam algumas dessas expressões coletivas que atravessam a história^{VI}. Foi nesse sentido que, anos antes, o historiador da arte Aby Warburg, com o intuito de reuni-las e compará-las, criou um atlas de imagens, chamado de *Mnemosyne*, a partir do qual podemos ler a história das artes visuais como uma espécie de “história das emoções figuradas”. São imagens que transmitem e transformam gestos emotivos, tal como o fez, segundo Didi-Huberman, a mulher que arranca os cabelos no relevo de bronze, criado por Bertoldo di Giovanni, chamado de *Crucificação*. Ela transmite um gesto de luto que existia na religião judaica – arranca os cabelos – e transforma-o, ao estar decomposta, quase nua, em um gesto de desejo, pois quer loucamente a presença de alguém que se foi. São gestos que coexistem em uma mesma imagem^{VII}.

Este exemplo sugere ainda, para o autor, que as emoções, visto que são movimentos, ações, modificam também aquelas e aqueles que se emocionam, pois é através delas que podemos transformar nosso mundo, desde que elas mesmas se tornem pensamentos e ações. De acordo com o conferencista, o cineasta soviético Sergei Eisenstein demonstra bem este fenômeno em seu filme *O encouraçado Potemkin*, ao representar gradativamente a passagem da tristeza do luto, à indignação e, em seguida, ao ato revolucionário: o povo em lágrimas transforma-se em povo em armas. Assim, Didi-Huberman indica que se não podemos fazer política efetiva apenas com sentimentos, não podemos também desqualificá-los. Com isso, o filósofo defende que as emoções têm, ou mesmo são, um poder de transformação.

A leitura agradável e descomplicada do livro *Que emoção! Que emoção?* é altamente recomendada, pois nos oferece um percurso de estudo do fenômeno da emoção, a partir da análise do pensamento de alguns autores da filosofia ocidental, e nos convida a explorar as emoções partindo não do ponto de vista psicológico, mas sim do seu potencial de transformação social ativa. Da memória ao desejo, do passado ao futuro e da tristeza à alegria, elas são sempre secretamente duplas e, segundo o autor, caso desejemos refletir, cabe a nós encontrarmos esses sinais de inquietação em nossas emoções atuais.

Notas

^I Graduada em História pela Universidade Federal de Sergipe. E-mail: lais.kalena@hotmail.com

^{II} DIDI-HUBERMAN, 2016, p. 11.

^{III} EMOÇÃO, 2009.

^{IV} DIDI-HUBERMAN, 2017

^V *Ibidem*, p. 34.

^{VI} *Ibidem*, p. 34.

^{VII} *Ibidem*, p. 35.

Referência bibliográfica:

DIDI-HUBERMAN, Georges. Ao passo ligeiro da serva (Saber das imagens, saber excêntrico). **Youtube**, 30 ago. 2017. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=fuZFGCg178o&t=459s>>. Acesso em: 09 mar. 20.
DIDI-HUBERMAN, Georges. **Que emoção! Que emoção?** Tradução de Cecília Ciscato. São Paulo: Editora 24, 2016.

QUE EMOÇÃO! QUE EMOÇÃO?

LAÍS KALENA SALLES ARAGÃO

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda, 2009. Versão monousuário 3.0. CD-ROM.